

A fome de viver em *Ciça*, de Neusa Jordem Possatti¹

The Hunger to Live in Ciça, by Neusa Jordem Possatti

Héber Ferreira de Souza*

O livro *Ciça*, de Neusa Jordem Possatti, apresenta uma versão de história a contrapelo dos contos de fadas, cujas personagens protagonistas são quase sempre crianças brancas, de olhos claros, com cabelos lisos e compridos, providas dos recursos que garantem uma infância “pronta”, idealizada (DELCASTAHE, 2005; EVARISTO, 2009). Nele, a vez é de uma personagem feminina, pobre e negra. Ciça é uma menina que tem fome de vida; acredita em seus sonhos e olha o mundo com a disposição necessária para esperar sempre uma solução favorável, mesmo nas situações mais difíceis. Dessa forma, Cecília, que de tão “pequena” é reduzida à Ciça, se esforça para transformar as agruras que acampam no seu cotidiano em alimento para sustentar seus sonhos e sua esperança de superação.

¹ O presente trabalho foi realizado com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

* Doutorando em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

Isso posto, há de se pontuar, no entanto, que a autora de *Ciça*, a meu ver, apesar de ensaiar algumas tentativas de rompimento de estereótipos responsáveis pela (re)produção do racismo, tropeça no caminho rumo a uma experiência literária capaz de desamarar os nós feitos pela cultura eurocêntrica no que tange ao trato das questões étnico-raciais no Brasil. A obra *Ciça*, lamentavelmente, deixa bastante a desejar enquanto um projeto que pretenda desfazer olhares oblíquos sobre determinadas classes minoritárias, além de apresentar fragilidades literárias no tocante a valores estéticos.

As inconsistências que atravessam a obra de Neusa Possatti, considerando o recorte principal deste trabalho, poderiam, aqui, até passar incólumes sobre o viés crítico. Haja vista que procuro mais notadamente rastrear representações da marginalidade em *Ciça* e seus desdobramentos sociais, num movimento que insinua a rasura do “Estatuto da Criança e do Adolescente”, privilegiando, portanto, o seu viés político. Entretanto, ao pretender ainda observar aspectos de resiliência nessa personagem, não me parece prudente ignorar por completo alguns “deslizes” de escrita que a autora comete ao construir sua narrativa.

Nessa esteira de reflexão, encaminho os argumentos sob uma via de mão dupla. A primeira mão assinala pontos frágeis e pontos fortes na estrutura textual em *Ciça*, enquanto a segunda apresenta, à luz do “Estatuto da Criança e do Adolescente”, uma análise de *Ciça*, de cunho político, mais voltado para a denúncia social.

Sobre as permanências e as rupturas em *Ciça*

Andréia Lisboa de Sousa (2005), ao abordar as personagens negras na literatura infantojuvenil, afirma que:

Da década de 80 em diante, encontramos alguns livros que rompem um pouco com as formas de representação da personagem feminina negra. Primeiro, esses livros mostram a resistência da personagem negra para além do enfrentamento de preconceitos raciais, sociais e de gênero, uma vez que retomam sua representação associada a papéis e funções sociais diversificadas e de prestígio. Segundo, eles valorizam a mitologia e a religião de matriz afro, rompendo, assim, com o modelo de desqualificação das narrativas oriundas da tradição oral africana e propiciando uma ressignificação da importância da figura da avó e da mãe em suas vidas. Terceiro, soma-se a isso o fato de elas serem personagens femininas negras principais, cujas ilustrações se mostram mais diversificadas e menos estereotipadas. Elas passam a ser representadas com tranças de estilo africano, penteados e trajés variados (SOUSA, 2005, p.191).

Tomando como parâmetro os dois últimos argumentos expostos por Andréia de Sousa (2005) sobre essa virada evidenciada a partir da década de 1980, no tocante a representações de personagens femininas negras na literatura, é possível perceber, em *Ciça*, uma tentativa, embora tímida, de ruptura com os modelos tradicionais.

Quanto ao movimento de valorização da mitologia e da religião de matriz afro constante na obra analisada, destaca-se, obviamente por se tratar do imaginário infantil marcante no folclore brasileiro, a figura do “Saci-pererê”, personagem oriundo da cultura indo-africana, o qual na obra analisada, além de estabelecer uma relação de espelhamento com a personagem – por ambos serem negros e, num determinado momento da “vida”, perderem uma perna – é descrito de modo singular: “Agora... cá pra nós, esperto mesmo é o negrinho metido à besta chamado Saci-pererê. Tem uma perna só, mas é mais ligeiro que o pensamento” (POSSATTI, 2012, p. 13). O que é visto comumente sob uma perspectiva, em certa medida, preconceituosa, nas mais diferentes figurações do mito do Saci-pererê – pois está quase sempre associado à travessura, à maldade e ao vício – recebe um olhar diferenciado por parte da menina. Ela o vê com certa admiração. O nequinho traduzido, em versões tradicionais, como travesso, fumador de cachimbo e uma ameaça aos outros, é para *Ciça* um ser interessante. Essa percepção, indubitavelmente, insinua uma valorização da cultura negra.

Um enfoque inverso ao de Neusa Possatti se desvela, por exemplo, ao se analisar o personagem Tio Barnabé, de *O sítio do Pica-pau Amarelo*². Ele, a exemplo da pequena Ciça, acredita na existência do Saci-pererê. Entretanto, diferentemente da personagem Ciça que define o “negrinho” como “simpático e esperto como ele só” (POSSATTI, 2012, p. 30), para o personagem de Monteiro Lobato, o Saci era:

[...] um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reínações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe. [...] [Ele] azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles (LOBATO, 2005, p. 18-19).

Um dado que chama a atenção, sob a ótica da onomástica, incide sobre o jogo de palavras possível entre o nome Ciça (abreviação de Cecília) e o nome Saci. Por coincidência ou por uma “sacada” da autora, o fato é que, invertendo-se as sílabas da palavra CIÇA, tem-se ÇACI (foneticamente, SACI). Ambos, personagens identificados, também, cada qual a seu modo, pelas marcas da marginalidade. A esse respeito dedicarei um tópico adiante. Antes, porém, importa tecer algumas observações sobre pontos “altos” e “baixos” da obra em voga.

Diversos pontos do livro, quanto ao foco narrativo e semântico, não me parecem “bem resolvidos”. Começando pelo foco narrativo, observa-se, por exemplo, a alternância da linguagem formal e informal, sem uma aparente intencionalidade. Dentre outros casos, destacam-se: a) Variedade formal: “Chamava-o de nomes feios...” (POSSATTI, 2012, p. 4) / “Há um monte de goteiras...” (p. 8) e b) Variedade informal: “Tem a minha mãe... Tem o Macalé... E tem eu...” (p. 13) /

² Vale lembrar que Monteiro Lobato, autor de *O sítio do Pica-pau Amarelo*, tem frequentemente o nome associado ao racismo.

“A gente só vê ele rindo...” (p. 13). No primeiro caso, o emprego do verbo “há” e do pronome oblíquo “o” indicia uma linguagem distante da que se pressupõe com o uso do verbo “ter” e do pronome “a gente”, no segundo caso. O uso culto da língua não me parece ser adequado ao perfil de *Ciça*, considerando diversos fatores. Entretanto, mesmo que fosse uma opção da autora adotar também essa variedade linguística para a narrativa, qual seria o motivo da alternância? Não me parece haver, pelo menos *a priori*, nenhuma intenção estética nesses contrapontos de níveis de linguagem adotados. Soa-me como um descuido, uma mostra de inconstância narrativa sem um aparente objetivo.

Por outro lado, o resgate da linguagem popular, inegavelmente, é um dado importante da obra. Revela adequação ao “universo” de *Ciça*, atravessado pela “panha do café” e pela cultura de uma classe social marcada pela escravidão no Brasil. Ditados como “Para descer morro abaixo, todo santo ajuda” (POSSATTI, 2012, p. 06); “Enquanto vem com o milho eu volto com o fubá” (p. 12) e “Quem duvida perde a vida” (p. 13) dão mostras de que a autora se preocupou em valorizar elementos da cultura popular, na qual o universo da personagem protagonista se insere.

Contudo, vejo uma expressão, exposta de forma “natural” e sem ponderação, inoportuna para o conjunto da obra. O valor de *Ciça*, a meu ver, se pauta na possibilidade de se pensar a problemática do racismo numa perspectiva de enfrentamento. Quando a autora (prefiro entender que, de forma desatenta) deixa escapar nos lamentos da menina a frase: “... a coisa vai ficar preta” (POSSATTI, 2012, p. 17), em se tratando de uma alusão a uma “semana perdida”, de tristeza e de “caos”, reforça o preconceito, em vez de combatê-lo.

Caso se leve em conta o pensamento de Oliveira (2003) sobre o que se define como racismo à brasileira na literatura e as ideias de Rosenberg (1984) sobre a presença camuflada de discursos preconceituosos nas narrativas literárias, é possível afirmar que *Ciça*, no exemplo recuperado da narrativa, reproduz o

modelo estereotipado das representações do negro que historicamente se consolidou. Entretanto, a esse respeito, Jessé de Souza (2005) afirma:

As ideias, os valores, os preconceitos são todos sociais e não existe nada de individual neles. Mesmo quem critica os preconceitos os tem dentro de si como qualquer outra pessoa criada no mesmo ambiente social. O que nos diferencia é a vigilância em relação a eles e a tentativa de criticá-los de modo refletido em alguns e não em outros. Mas todos nós somos suas vítimas. Afinal, eles nos são passados desde tenra idade quando não temos defesas conscientes contra eles. E nos são transmitidos normalmente não como discurso articulado, o que facilitaria sua crítica, mas por coisas como olhares, inflexão de voz, lapsos, expressões faciais, etc. Tudo isso por parte de pessoas que amamos e que tendemos a imitar. As crianças decodificam o que esses sinais procuram dizer e assumem para si os preconceitos, naturalizando-os como naturalizamos o ato de respirar, ou o fato de o Sol nascer todos os dias (SOUZA, 2010, p. 98).

Na ocorrência específica da expressão usada por Ciça, entendo poder ser consequência da força que naturaliza os códigos de preconceitos da linguagem em espaços por eles involucrados. Entretanto, penso que, talvez, tenha faltado vigilância por parte da autora em permitir que a expressão fosse evocada pela protagonista da narrativa sem amparo de reflexão autoral, tornando-se, portanto, passíveis a críticas desfavoráveis por parte de quem a ouve ou a lê. Sobre isso, importa destacar que uma obra literária diferenciada, que descarta estereótipos, não se prende gratuitamente ao senso comum. É nesse sentido, que a obra analisada sugere que, em vez de ruptura, há um preocupante indício de manutenção do racismo.

Além desses tropeços, há um teor de resiliência em Ciça que ultrapassa o limite da lógica. Entendo que, possivelmente, a intenção da autora seja com isso acentuar a “força” da etnia negra. Mas essa propriedade em Ciça a aprisiona no mundo da fantasia, trazendo à baila as seguintes indagações: Até quando é possível alguém sofrer tanto como Ciça e continuar esperançoso, com tanta fome de vida? E, pior, até que ponto esse caráter de resiliência na construção de uma personagem não estaria encobrendo as mazelas sociais, deixando transparecer

que todo descaso do poder público se resolve com a persistência individual ou com o apego aos sonhos?

Por fim, mais estranho do que uma menina sofrer tanta desgraça, como ser criada sem pai; ter que trabalhar em vez de frequentar assiduamente à escola; passar fome; sofrer preconceito racial; perder uma perna e mesmo, assim, conseguir alimentar-se de esperanças de uma vida melhor é o que se revela em "Aventura em baixo d'água". Esse capítulo cumpre um papel na narrativa pouco coerente. Ciça se sente "potente" numa situação que a levaria a um afogamento. "Por pouco" consegue se safar. O curioso é que até mesmo "faltando o ar", continua "no fundo sem vontade de subir" (POSSATTI, 2015, p. 27).

Ao ler essa descrição, por mais "poética" que pareça, entram em cena outras inconsistências que ferem o aspecto verossímil da obra. Como pode uma menina, sendo puxada para o fundo, "bem fundo" (POSSATTI, 2015, p. 27) de um rio pardacento, com forte correnteza, não se importar com a falta de ar? Como alguém em uma ocasião como essa pode se "distrair olhando os pequenos lambaris e as traíras com seus bigodes"?

Tão incomum quanto achar paz nessa trágica situação é conseguir enxergar bigodes em lambaris e/ou traíras (Há bigodes nesses peixes, na vida real?). Trata-se apenas de uma alusão ao caráter "criativo-poético" da personagem ou seria uma espécie de delírio de Ciça, em função de ser lançada ao rio, a contragosto, na ocasião do acidente, em um trecho não navegável? A obra por si só não dá conta de responder a essas questões.

Não sendo a intenção deste trabalho verticalizar uma análise acerca das fragilidades estruturais de *Ciça*, opto, portanto, por trazer a lume o que, para mim, há de mais provocador na obra, e que serve de objeto para leituras de cunho político: a temática da marginalidade.

Ciça às margens dos Direitos

A lei nº 8.069, de 13 de Julho de 1990, que dispõe sobre o “Estatuto da Criança e do Adolescente”, assevera em seu Artigo 4º que

É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do Poder Público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária (BRASIL, 2008, p. 04).

Entretanto, à lupa de *Ciça*, é possível observar que há um abismo imenso entre o que se dispõe legalmente na preliminar do documento e a realidade vivenciada pela personagem. É notório o distanciamento entre o que se consta e o que se cumpre no Estatuto. A efetivação dos direitos elementares para a vida não abarca o universo da menina Cecília, representação de tantas outras crianças brasileiras. Por exemplo, toda criança tem direito à alimentação e à habitação? Não é o que se evidencia na fala de Ciça, pois além de habitar em um lugar que “Não se pode chamar aquilo de casa...” (POSSATTI, 2012, p. 8), em diversos trechos, há fragrantíssimos como estes: “Pego (a comida de Macalé) porque minha barriga ronca, às vezes, de fome” (p. 3); “Tento entender quando ela fala da pobreza, da fome, da falta de uma casa nossa mesmo. Mas duro, duro é dormir com fome” (p. 4); “E quanto a devorar sangue de animais, bem... vai ver que está sempre com muita fome... e a gente com fome faz qualquer coisa” (p. 13).

Os depoimentos de Ciça chamam a atenção para a consequência da fome na vida do homem, a ponto de ele “fazer qualquer coisa” para se livrar dela, como o “Chupa-cabra que devora o sangue dos animais”, recuperado na narrativa de Neusa Possatti; como o “Bicho/homem”, no poema de Manoel Bandeira³, que “Na imundície do pátio”/“Catando comida entre os detritos”, engole-a com

³ Esses exemplos mostram que no campo literário a problemática da fome e da marginalidade é tratada como uma questão universal, para além de gênero, cor e faixa etária. Entretanto, importa observar, dialogando com Jessé Souza (2010) que o berço da marginalização da pobreza está no regime escravocrata a que se submeteu a sociedade brasileira.

veracidade; ou ainda como Fabiano, personagem de Graciliano Ramos, que, em *Vidas secas*, passa por tantas privações que se animaliza, não conseguindo mais enunciar nenhuma palavra, assumindo, assim, uma condição animália. Dessa forma, não seria nenhum exagero, a meu ver, afirmar que a fome, entendida, em princípio, no sentido biológico, o que não anula o sentido mais amplo, se transforma, ao mesmo tempo, em causa e consequência da criminalização. Dito de outro modo, quando a um ser humano é negado o direito de se alimentar, numa atitude social criminosa, a sociedade o torna, em função disso, suscetível a cometer crimes, muitas das vezes para garantir a própria sobrevivência. Nesse sentido, a ausência, em suas diversas especificidades, mesmo que não deva “justificar” atos infracionais, no sentido de torná-los justos, pode, obviamente, no sentido de explicá-los.

Dando sequência ao que proponho entender como rasura no “Estatuto da Criança e Adolescência” (ECA), veem-se ainda outros descumprimentos da lei registrados em *Ciça*, os quais podem, sob um determinado ponto de vista, ser lidos como denúncia social.

Em se tratando de “O direito à vida e à Saúde”, o artigo 11 do ECA (2008) assegura atendimento médico à criança e ao adolescente, por meio do Sistema Único de Saúde, garantindo o acesso universal e igualitário às ações e serviços para promoção, proteção e recuperação da saúde. Conforme o parágrafo segundo do referido documento, “Incumbe ao Poder Público fornecer gratuitamente àqueles que necessitarem os medicamentos, próteses e outros recursos relativos ao tratamento, habilitação ou reabilitação” (BRASIL, 2008, p. 12). Apesar de Ciça receber atendimento médico “no quarto branco do hospital” (POSSATTI, 2012, p. 30), não há em momento algum da obra registro de uma prótese para a personagem assegurada pelo Poder Público. Ela, simplesmente, recebe de Macalé a “solução” para o problema: “Ele fez uma muleta para mim” (p. 30).

Sabe-se que o percurso para alcançar uma prótese no Brasil, assim como um atendimento no serviço público de saúde qualificado, desde sempre é uma *via crucis* para o paciente de classe social menos favorecida. Vale ressaltar que endossa ainda mais a gravidade da situação o fato de que muitos dos brasileiros não sabem que a prótese é um direito. Acabam, em consequência disso, sendo “obrigados” a se conformarem com a realidade da falta de recursos básicos para a vida. *Ciça*, de modo singular, revela essa triste realidade.

Por último, quanto ao “direito à educação, à cultura, ao esporte e ao lazer” e ao “direito à profissionalização e à proteção no trabalho” garantidos nos artigos 53 e 60 (2008), constam as seguintes disposições no Estatuto:

Art. 53. A criança e o adolescente têm direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho, assegurando-se-lhes: I - igualdade de condições para o acesso e permanência na escola (BRASIL, 2008, p. 19);

Art. 60. É proibido qualquer trabalho a menores de quatorze anos de idade, salvo na condição de aprendiz (p. 21).

Na leitura de *Ciça*, fica evidente que esses direitos correm às margens da personagem. Pode-se inferir, portanto, que a criança no texto é vítima dos estilhaços oriundos da escravidão no Brasil. Ela não consegue frequentar com regularidade às aulas: “Meu coração dispara. Não quero perder aula” (POSSATTI, 2012, p. 17); “... outra vez, faltou às aulas” (p. 25). Além disso, contrariando o previsto pela legislação, Ciça “precisa ajudar na “panha” de café em uma fazenda distante”. Esses e outros pontos servem de apoio para se pensar na urgência de políticas voltadas às classes minoritárias. Eles valem de denúncia a respeito do que tem sido a vida de muitos brasileiros (e brasileiras) às margens até mesmo de direitos mais elementares, bem como de ponte de reflexão sobre a necessidade de garantia de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Sobre a temática da desigualdade social, Jessé de Souza, em seu livro *A elite do atraso – da escravidão à lava-jato* (2010), assume uma visão que se alicerça num

eixo de argumentação-chave para o que se pretende, aqui, analisar: entender a experiência da escravidão como a semente de toda a sociabilidade brasileira. Para o sociólogo,

Muitos falaram de escravidão como se fosse um mero “nome”, sem eficácia social e sem consequências duradouras, inclusive Sérgio Buarque e seus seguidores. Compreender a escravidão como conceito é muito diferente. É perceber como ela cria uma singularidade excludente e perversa. Uma sociabilidade que tendeu a se perpetuar no tempo, precisamente porque nunca foi efetivamente compreendida nem criticada (SOUZA, 2010, p. 11).

A personagem Ciça, nessa perspectiva, representa uma expressiva parcela da população que compõe o que Jessé de Souza denomina (tomando cuidado para que o termo não assuma a condição pejorativa) “ralé brasileira”. Conforme reitera o autor, essa classe, oriunda da escravidão e, após a abolição da escravatura no Brasil, “entregues ao seu próprio azar”, é vista pelo grupo de “privilegiados” como “lixo social”. Dessa forma, é indigna, sob a ótica dessa elite, até mesmo de receber estímulos para dar sequência à sua vida escolar e à vida escolar dos seus filhos.

Em linhas gerais, se, por um lado, a obra de Neuza Possatti abre atalhos para críticas literárias, estética e ideologicamente, menos acolhedora; por outro, possibilita leituras capazes de fomentar ideias sobre sérias questões políticas que ainda assolam a sociedade brasileira e que precisam ser discutidas em todos os espaços de construção do conhecimento, a fim de contribuir para a consolidação de uma nova sociedade, sem favorecimento de determinadas classes sobre outras, no tocante ao cumprimento das leis.

Como professor de Educação Básica na rede pública de ensino, penso que a leitura de *Ciça*, feita de modo cuidadoso e propositivo, é válida, acima de tudo, por embasar a discussão da problemática da marginalidade, quase sempre, deixada de lado, ou em segundo plano, no mercado editorial. Isso porque a personagem da referida obra, lida como representação social, insinua a urgência

de se revisar a aplicação da lei, visando à adequação e à equidade. “Rasurar”, então, os documentos legais que na prática não contemplam todas as diferentes brasilidades significa também lutar pela desconstrução de olhares enviesados sobre as classes minoritárias, a fim de que elas deixem de perder cotidianamente partes de seus direitos, de seus corpos e de suas almas.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. *Estatuto da criança e do adolescente*. 3. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2008. Disponível: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/estatuto_crianca_adolescente_3ed.pdf>. Acesso em: 08 set. 2018.

DALCASTAGNÈ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, Brasília, n. 26, p. 13-71, jul.-dez. 2005.

EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética da nossa afro-brasilidade. *Revista Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2. sem. 2009.

LOBATO, Monteiro. *O Saci*. 56. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005. Disponível em: <<https://sitio.pmvvs.pt/wp-content/uploads/2014/06/Monteiro-Lobato-O-Saci.pdf>>. Acesso: 01 out. 2018.

POSSATTI, Neusa Jordem. *Ciça*. São Paulo: Paulinas, 2012.

ROSEMBERG, Fúlvia. *Literatura infantil e ideologia*. São Paulo: Global, 1985.

SOUSA, Andréia Lisboa de. A representação da personagem feminina negra na literatura infantojuvenil brasileira. In: *EDUCAÇÃO antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal 10639/03/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade*. Brasília: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

SOUZA, Jessé. *A elite do atraso: da escravidão à Lava-jato*. Rio de Janeiro: Leya, 2017.

RESUMO: O livro *Ciça*, de Neusa Jordem Possatti, apresenta uma versão de história a contrapelo dos contos de fadas, cujas personagens protagonistas são quase sempre crianças brancas, de olhos claros,

cabelos lisos e compridos, providas, a mancheias, dos recursos que garantem uma infância “pronta”, idealizada. Ancorado nos estudos de Regina Dalcastagne, Conceição Evaristo e outras pesquisas aliadas ao Pós-colonialismo, pretendo, neste trabalho, rastrear representações da marginalidade em *Ciça* e seus desdobramentos sociais. Além disso, intento analisar aspectos de resiliência nessa personagem, buscando evidências de afirmação de sua etnia. Dessa forma, esta proposta de estudo, à parte de valorizar autores capixabas, pode também contribuir para a desconstrução de olhares enviesados sobre determinadas classes minoritárias.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura capixaba juvenil – Neusa Jordem Possatti. Neusa Jordem Possatti – *Ciça. Ciça* – Questões étnico-raciais.

ABSTRACT: Neusa Jordem Possatti's book *Ciça* presents a version of the story opposite to fairy tales, in which the main characters are almost always white children, with light eyes, straight and long hair, with all the resources that guarantee a “ready”, idealized childhood. Anchored in the studies of Regina Dalcastagne, Conceição Evaristo and other research allied with Post-colonialism, I intend, in this work, to trace representations of marginality in *Ciça* and its social consequences. In addition, I try to analyze aspects of resilience in this character, seeking evidence of affirmation of her ethnicity. Thus, this research proposal, apart from valuing authors from Espírito Santo, may also contribute to the deconstruction of biased views on certain minority classes.

KEYWORDS: Capixaba Juvenile Literature – Neusa Jordem Possatti. Neusa Jordem Possatti – *Ciça. Ciça* – Ethnic-Racial Issues.

Recebido em: 31 de julho de 2019
Aprovado em: 15 de outubro de 2019